A PEDRA DA FIGURA EM TAQUARITINGA DO NORTE (PE)[1]

THE PEDRA DA FIGURA SITE IN TAQUARITINGA DO NORTE (PERNAMBUCO)

Gabriela Martin[2]
Alice Aguiar[2]
Paulo Tadeu[3]
Plínio Victor[3]

Resumo: O artigo aborda o registro e o estudo da arte rupestre no Brasil, com ênfase na Tradição Nordeste. Apresenta o sítio Pedra da Figura, em Taquaritinga do Norte (PE), pesquisado por levantamento de painéis, decalque, fotografia e fichas padronizadas. O sítio compreende três painéis graníticos com pinturas em tinta vermelha. O painel 1 concentra cinco quelônios, três marcas de mãos e oito desenhos esquemáticos; o painel 2 apresenta um antropomorfo estilizado e marcas de mãos; o painel 3 contém um desenho cruciforme isolado. A fauna representada é atual: quelônios identificados como lagartos tejus e emas, hoje extintas na região. Propõe-se um estilo ou subtradição Cariris Velhos, caracterizado por pinturas sobre matações, acesso fácil, desenhos isolados, predomínio de zoomorfos, antropomorfos esquemáticos e marcas de mãos em positivo. A integridade das pinturas vem sendo ameaçada por intervenções humanas, como a construção de altar e velas, justificando a publicação prévia dos sítios.
Palavras-chaves: Pintura rupestre; Taquaritinga do Norte; Tradição Nordeste.

Abstract: The article addresses the recording and study of rock art in Brazil, with emphasis on the Northeast Tradition. It presents the Pedra da Figura site, in Taquaritinga do Norte (Pernambuco), investigated through panel survey, tracing, photography, and standardized record sheets. The site comprises three granite panels with red-painted figures. Panel 1 contains five chelonians, three hand marks, and eight schematic drawings; Panel 2 presents a stylized anthropomorph and hand marks; Panel 3 contains an isolated cruciform drawing. The represented fauna is extant: chelonians identified as large tegu lizards and rheas, now extinct in the region. A Cariris Velhos style or sub-tradition is proposed, characterized by paintings on granite boulders, easy access, isolated drawings, predominance of zoomorphs, schematic anthropomorphs, and positive hand marks. It is concluded that the paintings are threatened by rock exfoliation and human interventions, such as the construction of an altar and candles, justifying the prior publication of the sites. **Keywords:** Rock art; Taquaritinga do Norte; Northeast Tradition.

---

1 A presente publicação consiste na reprodução do artigo originalmente divulgado na Clio Revista do Curso de Mestrado em História, v. 3, n. 1 (1982), jan.–dez. Justifica-se a republicação por seu valor histórico-documental para o campo da arte rupestre e pela necessidade de ampliar sua acessibilidade, preservação e citabilidade no circuito científico atual. As alterações realizadas restringem-se a adequações editoriais de formatação e à inserção de resumo, abstract e palavras-chave, conforme normas de publicação científica, sem modificação do conteúdo científico original. Esta pesquisa foi realizada com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

2 À época da publicação original, a autora exercia atividades de docente no Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

3 À época da publicação original, o autor exercia atividades de pesquisador no Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco (Nea/UFPE).

Introdução

O registro de pinturas rupestres no Brasil é antigo. Vem da época colonial e já nos *Diálogos das Grandezas do Brasil*, escrito em 1598, aparece, seguramente, a primeira referência histórica desta arte indígena. Posteriormente, alguns autores citaram a arte parietal brasileira, em imaginativos trabalhos que identificavam as pinturas indígenas como escritas antigas e testemunhos de passadas civilizações.

No nosso século, as referências são quase sempre citações esparsas, publicações de alguns desenhos isolados e notícias incompletas. Até poucos anos atrás, os estudos sobre a arte rupestre da região nordestina tendiam a identificá-la como obra de habitantes históricos indígenas ou seus ascendentes, pela total impossibilidade de se relacionar essa arte com culturas indígenas específicas.

Na verdade e apesar das numerosas notícias aparecidas em jornais e revistas não especializadas. poucos foram os trabalhos publicados até hoje. Destacam-se sobre esse tema, os estudos no Sudeste do Piauí, de Guidon (1975), um outro sobre os Cariris Velhos da Paraíba (Almeida, 1979) e os trabalhos de Calderón (1970) na Bahia.

Vale destacar, entretanto, que foram os estudos sistemáticos levados a cabo pela missão franco-brasileira no Piauí, coordenada por Niède Guidon, que estabeleceram uma metodologia e nomenclatura própria da região nordestina, hoje imprescindível para posteriores pesquisas no Nordeste.

O estudo científico de mais de 200 sítios com pinturas, muitos deles factíveis de serem escavados e datados, demostrou a existência de uma tradição cultural de caçadores que habitavam o Sudeste do Piauí e que pintavam nas rochas e abrigos com determinadas características e estilos próprios, aos quais Guidon (1975) chamou de Tradição Nordeste, subdividida em vários estilos e subtradições tais como Várzea Grande, Caracol, Serra Branca, Serra Nova, etc., atendendo à localização geográfica dos abrigos e as características mais marcantes dos desenhos.

Alguns dos abrigos, datados por C-14, obtiveram datas inesperadamente recuadas. O Sítio do Meio ofereceu datação de 12.200 ± 600 anos A.P; o Sítio do Bojo I, com 9.700 ± 200 anos AP.

Outras datações da região, também no município de São Raimundo Nonato, no Piauí, chegaram em torno de 8.000 anos AP, e dos últimos resultados obtidos, ainda em estudo. suspeita-se de datações abaixo de 13.000 anos AP.

Essas descobertas foram revolucionárias em termos cronológicos e em poucos anos, as pinturas rupestres do Brasil deixaram de ser consideradas simples *ludus hominis* de indígenas desocupados como dizia, levianamente, o francês Brunet, e destacaram-se como manifestação cultural de caçadores arcaicos tão antigos como os artistas paleolíticos da região cantábrica franco-espanhola ou do Levante espanhol.

Os trabalhos da missão arqueológica franco-brasileira no Piauí, assentaram bases para pesquisas sistemáticas em outras regiões do Nordeste onde se poderá estudar a extensão da chamada "Tradição Nordeste" pré-histórica e em outras regiões brasileiras até onde se possa assinalar sua presença.

Iniciadas nossas pesquisas em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, contamos com a colaboração da Universidade Regional de Mossoró, na pessoa da Pró-Reitora Professora Salomé e dos arqueólogos Tom Miller e Vicente Ciancotti do Museu Câmara Cascudo de Natal. Na Paraíba, os trabalhos de Ruth de Almeida, poderão completar o quadro geral do projeto.

A pesquisa arqueológica no Brasil, particularmente no Nordeste, padece de um grave defeito que consiste na dificuldade de publicação dos resultados completos obtidos. O trabalho de campo e de laboratório, já bastante oneroso, encarece-se com a publicação dos resultados que, geralmente, tardam em aparecer, especialmente no caso de grandes pesquisas, que exigem muitas páginas.

Por essas razões, os pesquisadores do Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA) da Universidade de Pernambuco (UFPE) resolveram publicar mesmo em forma de notícia prévia cada sítio estudado sem prejuízo da publicação global das pesquisas e programou a edição dos resultados num *corpus* da arte rupestre da região. Dessa forma, pretende-se dar a conhecer aos colegas, notícias imediatas de uma região quase desconhecida no contexto arqueológico brasileiro.

Nosso plano de trabalho em Pernambuco consiste, principalmente, no levantamento da arte rupestre de todo o Estado e na elaboração de sua Carta Arqueológica. Dividiu-se o Estado em

áreas de pesquisa, seguindo-se as quadrículas do mapa do Nordeste elaboradas pela Sudene, na escala 1/50.000. Participam também do trabalho de campo, professores dos Departamentos de Geologia e de Geografia da UFPE.

A técnica seguida para o levantamento das pinturas é a mesma utilizada pela maioria dos arqueólogos brasileiros e que consiste na divisão do abrigo em painéis, aplicação de plásticos para calcar os desenhos com lápis para retroprojetor; fotografias em preto e branco e slides em cores. Para as fichas de sítios e de fotografias utilizamos as mesmas da missão franco-brasileira no Piauí. Como ficha estatística e de registro de figuras, utilizamos as do Instituto Goiano de Arqueologia por parecer-nos as mais simples.

As quadrículas geográficas de Taquaritinga do Norte, encontram-se ainda em elaboração na Sudene, porém, resolvemos pesquisar a área porque o topônimo era sugestivo sob o ponto de vista arqueológico além de que. suas formações geológicas interessantes sugerem a ocorrência de pinturas, numa área que enquadra, também Brejo da Madre de Deus, Fazenda Nova e Santa Cruz do Capibaribe

Taquaritinga do Norte.

Situada a 150 km do Recife (PE) entre as coordenadas 7°45'8" S, 36°30'38" W e a uma altura em torno dos 800 m, o município possui clima predominantemente semiárido com maior umidade nos trechos de brejos (Figura 1). Na parte leste chove mais regularmente e no oeste o regime pluviométrico é mais irregular, com clima mais seco. A temperatura é amena, com invernos frescos, podendo chegar até 8° C nos meses de junho e julho. A vegetação predominante é a caatinga com plantas xerófilas, caducifólias, enquanto o brejo, apresenta vegetação arbustiva perenifólia, onde são cultivados laranja e café.



Figura 1: Mapa de localização do município de Taquaritinga do Norte, Estado de Pernambuco, Brasil.

Os rios são de regime intermitente à exceção do Capibaribe que corre na área em direção W-E. A formação geológica é complexa apresentando dois aspectos marcantes (Sial e Menor, 1969), onde aflora o micaxisto com aspecto característico areno-argiloso, o relevo é suave, noutros trechos, onde afloram rochas de caráter ácido como granitos, granodioritos e calco-silicatos, o relevo é proeminente e acidentado.

Os granitos de granulação média e grossa e coloração acinzentada, constituem importantes intrusões que pelo efeito da erosão nas rochas mais brandas circundantes emergem na forma de grandes monolitos arredondados onde não é raro se achar pinturas rupestres e outros restos de ocupação indígena como é o caso do sítio Pedra da Figura.

Acha-se este sítio na Fazenda Boa Vista, propriedade do Sr. Jaime Cordeiro situada a uns 10 km da cidade de Taquaritinga do Norte, à esquerda da estrada de Vertentes. Situado a uns 300 m da casa da fazenda, pode ser atingido por caminho de fácil acesso onde grandes blocos de granito de 10 m de altura afloram sobre a vegetação arbustiva fechada. Quando, em 1975, descobrimos o sítio, com a ajuda do Pe. Aragão, vigário de Taquaritinga, o local estava escondido por mato denso que dificultava o acesso e de certa forma o protegia; porém, três anos depois estava transformado em lugar de romaria limpo de mato e nele foram construídos um altar e um cruzeiro em frente ao painel principal estando, portanto, em perigo os desenhos, sobretudo pela presença de velas acesas em torno do conjunto (Figura 2).



Figura 2: Local de romaria, com altar e cruzeiro em frente ao painel principal do sítio Pedra da Figura.

A razão que nos leva a publicar este sítio em primeiro lugar, entre- outros já pesquisados, é a evidência de que brevemente as pinturas terão desaparecido por completo. A rocha onde se desenvolvem os painéis esfolia-se com facilidade e este fenômeno unido à sua verticalidade, ajudou sem dúvida, no desaparecimento de muitas pinturas, conservando-se apenas os painéis pintados em lugares mais protegidos, onde a inclinação da rocha as protege das intempéries. Fragmentos de rocha desprendidos, com restos de pintura, já demonstraram este fato.

A construção do altar com base de cimento, destruiu qualquer possibilidade de sondagem estratigráfica. Apenas no painel 2 existia área de refugo factível de ser escavada. Efetuamos uma sondagem de um 1 m^2, observando que, até 20 cm de profundidade, a terra aparecia estéril com apenas restos de caramujos e ossos de roedores atuais, por debaixo deste estrato superficial grande quantidade de pedras, seguramente consequência de desprendimentos da rocha, dificultavam o prosseguimento da sondagem, sendo preciso ampliar a área da escavação e instalar um acampamento para prosseguir com as pesquisas. Fomos informados pelo nosso guia que, quando da construção do altar, fora achada uma ossada humana e vários cachimbos de barro (Figura 3).



Figura 3: Sondagem arqueológica no Sítio Pedra da Figura. Taquaritinga do Norte (PE).

Dividimos a área com pinturas em três painéis, correspondentes a três afloramentos graníticos independentes . O painel 1, onde se acumula número significativo de pinturas (Figura 4); o painel 2, com uma única figura antropomorfa; e o painel 3, com um desenho esquemático isolado.



Figura 4: Pinturas rupestres do Painel 1. Sítio Pedra da Figura. Taquaritinga do Norte (PE).

Painel 1

Tabela 1: Medidas do painel 1. Sítio Pedra da Figura. Taquaritinga do Norte (PE)

Painel 1	
Altura do abrigo	7,65 m
Profundidade	5,50 m
Largura	7,35 m
Altura do painel	2,50 m
Largura	4,50 m

Desenhos em tinta vermelha com diferentes tonalidades do laranja ao vermelho escuro. Em alguns pontos os desenhos se superpõem, indicando, possivelmente duas fases da pintura. Uma ema de 1 m de altura e cor vermelha clara (Figura 5), parece ter sido pintada posteriormente aos quelônios, já que se superpõe a um deles de tonalidade bem mais escura. Na totalidade aparecem neste painel 10 zoomorfos, bastante claros no desenho dos contornos, três marcas (Figura 6) de mãos e vários desenhos esquemáticos (Figura 7), sem formar cenas.



Figura 5: Zoomorfo (ema), Painel 1 do Sítio Pedra da Figura. Taquaritinga do Norte (PE).

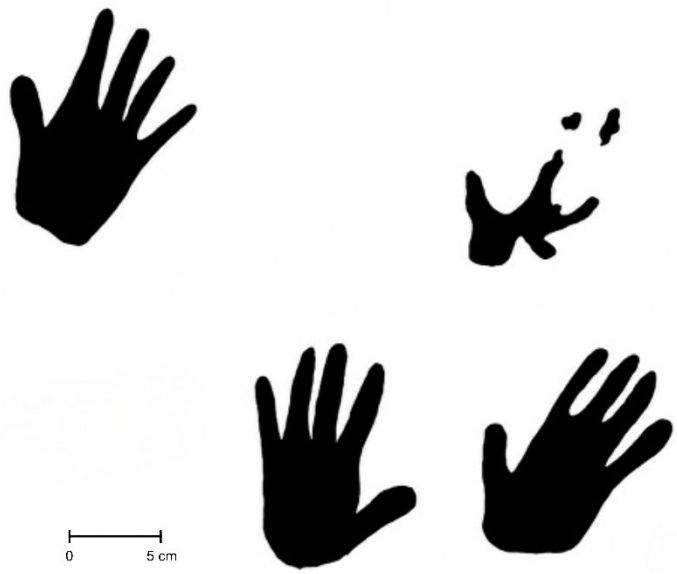


Figura 6: Figuras de mãos em positivo, Painel 1 do Sítio Pedra da Figura. Taquaritinga do Norte (PE).

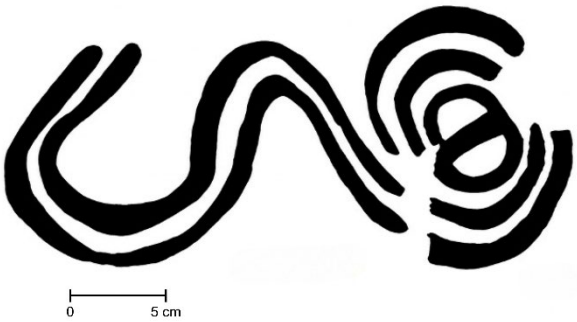


Figura 7: Desenho esquemático, Painel 1 do Sítio Pedra da Figura. Taquaritinga do Norte (PE).

Não identificamos nenhum antropomorfo neste painel, se bem que a figura do pássaro (Figura 8) possa ser relacionada com a figura do homem-pássaro que, com pequenas variantes, aparece por grandes áreas do Brasil e que está a merecer estudo mais aprofundado.

É de se registrar também o naturalismo de um dos quelônios, que apresenta quatro dedos nos pés dianteiros e três nos traseiros (Figuras 9 e 10). Na totalidade, o painel nº 1 apresenta: 5 quelônios, 3 mãos e 8 desenhos esquemáticos.



Figura 8: Zoomorfo (pássaro) do Sítio Pedra da Figura. Taquaritinga do Norte (PE).



Figura 9: Zoomorfos (quelônios) do Sítio Pedra da Figura. Taquaritinga do Norte (PE).

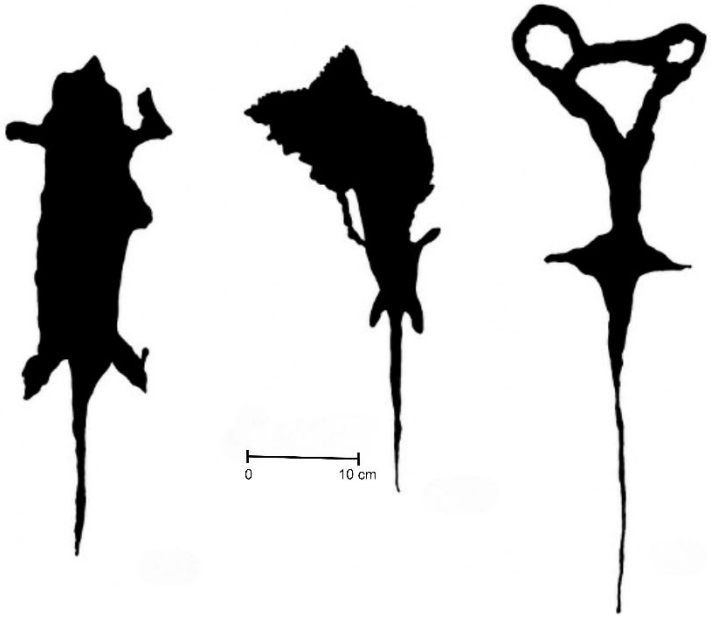


Figura 9: Zoomorfos (quelônios) sobre manchas do Sítio Pedra da Figura. Taquaritinga do Norte (PE).

Painel 2

Painel 2	
Altura do abrigo	10,20 m
Profundidade	2,50 m
Largura	10,60 m
Altura do painel	2,00 m
Largura	2,50 m

O painel 2 apresenta a figura de um antropomorfo estilizado, sem determinação do sexo; as mãos e os pés apresentam três dedos. Na parte superior do painel, marcas de duas mãos, já muito apagadas, todas em tinta vermelha (Figura 10).

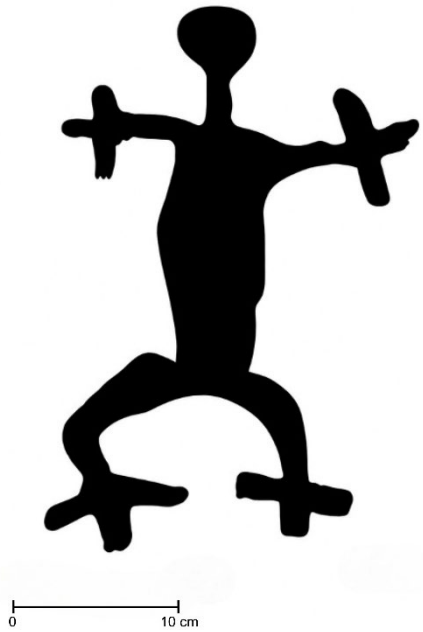


Figura 10: Antropomorfo do Sítio Pedra da Figura. Taquaritinga do Norte (PE).

Painel 3

Painel 3	
Altura do abrigo	20 m
Profundidade	0,80 m
Largura	9,50 m
Altura do painel	1,00 m
Largura	1,00 m

O painel 3 apresenta apenas desenhos esquemáticos, destaca-se desenhos esquemáticos cruciforme em tinta vermelha (Figura 11).

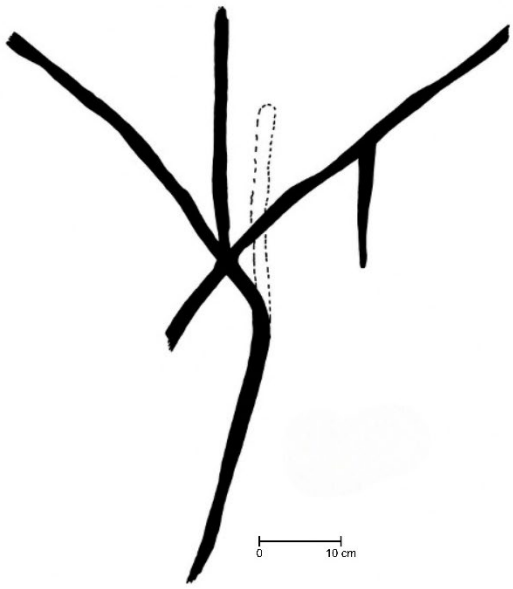


Figura 11: Desenho esquemático, Painel 3 do Sítio Pedra da Figura. Taquaritinga do Norte (PE).

A fauna representada no sítio Pedra da Figura é toda atual. Os quelônios correspondem a lagartos de tamanho grande, chamados na região tejus e conhecidos como iguanas noutros países da América Latina. As emas, representadas em dois exemplares, uma grande e outra pequena - motivo aliás que se repete em outros sítios - estão hoje extintas na região, porém existiam ainda nos começos deste século.

A Pedra da Figura não representa um sítio isolado no contexto arqueológico da região. A serra de Taquaritinga, sobre a qual se encontra situada a cidade do mesmo nome, é continuação da cordilheira dos Cariris Velhos, na Paraíba. Nesta região, Almeida (1979) levantou 34 sítios com pinturas, cujas características principais aparecem na Pedra da Figura e em outros sítios arqueológicos vizinhos, no Estado de Pernambuco por nós pesquisados. Dentro da Tradição Nordeste, poderíamos já estabelecer um estilo ou subtradição Cariris Velhos·, cujos aspectos marcantes seriam:

a) pinturas sobre matações de granito;
b) acesso às pinturas relativamente fácil;
c) predominância de desenhos isolados, sem formar cenas;
d) maior número de zoomorfos que de antropomorfos;
e) antropomorfos esquemáticos com escassas representações do sexo
f) marcas de mãos em positivo·, sempre na parte superior dos painéis.

A ausência de material cerâmico nas áreas das pinturas inclina a pensar em arte rupestre de caçadores pré-cerâmicos. Por outra parte, a escassez de material lítico e quase sempre ausência de refugo arqueológico nas proximidades das pinturas, parece indicar que não se trata de sítios de habitação, mas sim de santuários de culto.

Continuamos nossas pesquisas na procura de sítios rupestres com possibilidades de escavação estratigráfica que nos possibilitem a obtenção de datações.

Referência

ALMEIDA, R. T. de. 1979. A Arte rupestre nos Cariris Velhos. Ed. Universitária da UFPB, João Pessoa.

CALDERÓN. V. 1970. Nota prévia sobre fases da Arte rupestre no Estado da Bahia. Universitas, Revista da Universidade Federal da Bahia, p.p. 5-17.

GUIDON, N. 1975. Peintures rupestres de Varzea Grande, Piauí, Brésil. Cahiers d'Archeologie d'Amerique du Sud, n. 3, E.H.E.S.S.

SIAL, A. N.; MENOR, E. de A. 1969. Geologia da Meia Quadrícula Sul de Taquaritinga do Norte. Instituto de Geociências, Departamento de Geologia da Universidade Federal de Pernambuco. Série Estudos e Pesquisas, n. 1 v. 1 Recife.